

GEORGE ORWELL: As grandes guerras mundiais

Érika da Rocha Figueiredo

Promotora de Justiça no Estado do RJ desde 1997

Formada pela Universidade Federal Fluminense

Mestre em ciências penais e criminologia pela UCAM

Publicado no Tribuna Diária, em 20 de abril de 2020

Sempre fui fascinada pela Primeira e pela Segunda Guerras Mundiais, talvez por saber que meu avô materno, a quem não conheci, lutou na Primeira e veio da Alemanha para o Brasil antes do início da Segunda. Na parede de minha casa, jazia a espada com a qual combatera, e minha mãe me contava muitas histórias e aventuras por ele vividas, nessa época de tantas incertezas e sonhos desfeitos.

Ao longo dos anos, percebendo minhas deficiências acerca da História do Mundo e das guerras (neste e em nome

deste travadas), tornei-me uma leitora voraz de livros e espectadora assídua de documentários e filmes que me ajudassem a fechar o grande quebra-cabeças da civilização moderna e de suas batalhas, travadas a pretexto de libertarem povos da opressão, oprimindo outros tantos povos.

Chamou-me atenção, em especial, o papel da Rússia nos conflitos do século XX, tendo sido Stalin, naquela parte do planeta, seu grande protagonista, surgindo a União Soviética, bloco de países subjugados à dominação e às diretrizes desse ditador sanguinário, que chegou a ocupar um sexto do território mundial.

A União Soviética voltou a povoar meus pensamentos quando li ‘1984’, de George Orwell. Tal livro, publicado em 1949, foi um imenso sucesso de público e crítica, quando o mundo ainda se recuperava dos horrores do nazi-fascismo, discorrendo sobre um país imaginário chamado Oceânia, sendo a narrativa imediatamente identificada como uma crítica ao regime soviético.

Em Oceânia, todos dependem de modo intrínseco do Grande-Irmão (O Estado), que tudo provê e tudo vê, regulando as relações pessoais e de emprego, as condutas sociais, observando as conversas de todos através de uma espécie de tv

(a teletela, que permanece ligada nos lares e capta até as mudanças de fisionomia e o ritmo da respiração), controlando a economia, o ir e vir, estabelecendo toque de recolher e punindo severamente quem descumpra tais determinações, mantendo a população acuada e encolhida por meio do medo, e determinando até mesmo um novo vocabulário, através da novilíngua.

Entretanto... ao confrontar a ausência de liberdades dos habitantes de Oceânia com o que vive hoje o mundo, impossível não tecer comparações e identificar semelhanças, uma vez que, sob o império do medo plantado na coletividade, oriundo de um vírus, todas as liberdades individuais têm sido limitadas, algumas até mesmo usurpadas, enquanto assistimos impassíveis ao dragão que cospe fogo, e a todos chamusca, o Grande-Irmão em sua versão atual.

Analisando o quadro que se delineou no Brasil, eu, que identificava na narrativa de George Orwell uma denúncia do comunismo e do que este pode causar à sociedade, assisto incrédula ao avanço do Estado sobre as liberdades duramente conquistadas por todos, as quais foram alçadas à categoria de cláusulas pétreas em nossa Constituição Federal, justamente para que não fossem violadas. Em nosso país denominado

democrático, vejo limitações do ir e vir, monitoramento de cidadãos via celular, prisões arbitrárias para os que descumprem o isolamento imposto, desemprego, medo e desespero em relação ao porvir.

Em 1984 – o livro, Winston, o protagonista, vive um despertar, para a realidade nua e crua da opressão vivida, ao se apaixonar. O que acionará o nosso toque de despertar? Sacrificaremos nossa autonomia e independência pessoais de modo inquestionável, sem que tenhamos aprendido com a historiografia do século XX?

“Poder concentrado sempre foi o inimigo da liberdade”

Ronald Reagan